

Das Ameias...

“QUANDO REZARÃO POR MIM DESPOIS DE EU MORRER?”

Pe. Queirós

Esta pergunta foi dirigida por alguém a Santo Agostinho, à qual ele respondeu: «isso depende de quanto rezas tu pelos defuntos. Porque o Evangelho diz que a medida que cada um usar para dar aos outros, será a medida usada para ele.»

A todos nos preocupa a morte, sem dúvida, para os cristãos esta não deve ser motivo de angústia e desespero. Através da morte, conseguimos chegar ao nosso fim último que é regressar a Deus, de quem procedemos. Sabemos que um dia vamos ressuscitar com Cristo, mas para isso é necessário “deixar este corpo para ir morar junto do Senhor” (2 Cor 5, 8).

Graças a Cristo, a morte cristã está revestida de um sentido positivo. A novidade consiste no facto de que pelo Baptismo, o cristão está já sacramentalmente morto com Cristo, para viver uma vida nova; e se morremos na graça de Cristo, a morte física consuma este “morrer com Cristo” e aperfeiçoa a nossa incorporação nele no seu acto redentor. Na morte Deus chama-nos para Si. É o fim da nossa peregrinação terrena, do tempo de graça e de misericórdia que Deus nos oferece para realizar a nossa vida terrena segundo o desígnio divino e para decidir o seu último descanso.

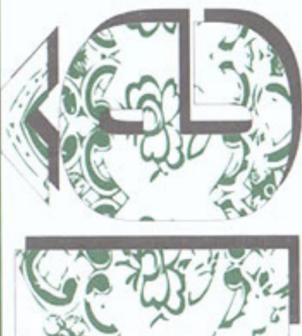
O cristão que une a sua própria morte à de Jesus encara a morte como uma ida

para junto d’Ele e a entrada na vida eterna. Isto não quer dizer que não se sinta tristeza e dor diante da própria morte ou daqueles a quem amamos, mas, é diferente enfrentar a dor com a esperança de que um dia voltaremos a reunir-nos diante do Senhor.

O relato da morte de Moisés no Livro do Deuterónimo dirige-se indirectamente a alguns dos temores que geralmente as pessoas têm perante a morte. Moisés tinha vivido uma vida longa e frutífera. Assim como Ele ensinou ao Povo de Israel como deveriam de viver para estar em comunhão com Deus, o seu exemplo perante a morte também lhes mostrou como morrer. A atitude de Moisés perante a morte é um exemplo saudável que os crentes de todas as idades podem seguir. Nestes mês de Novembro que se aproxima, teremos oportunidade, todos, de reflectir: «como estou eu a preparar a minha morte?»



Boletim Dominical
Interparoquial nº 130
30 de Outubro de 2011
XXXI Tempo Comum / A



«NOVOS EVANGELIZADORES»

Pe. Queirós

Mostra-me como vives e dir-te-ei em quem crês. Poderia ser assim adaptado o famoso provérbio português quando nos referimos ao modo de viver a nossa fé. Porque, acreditar significa muito mais do proferir algumas palavras. Acreditar significa que cessamos de viver ‘do nosso modo’ e colocamos total confiança em Outro. Acreditar, crer, ter fé em alguém transforma necessariamente a minha vida, passo a não ser apenas eu, mas esse Outro que me preenche e me transforma a cada dia.

Não raramente cruzamo-nos com pessoas que afirmam ter “perdido a fé” por causa do mau exemplo de alguns cristãos, por outro lado todos sabemos que a fé não deve estar sujeita nem ao sacerdote nem ao vizinho cristão e muito menos àquilo que eles fazem. Somos membros da Igreja pelo amor pessoal a Jesus, pela capacidade que temos de viver a Fé, a Esperança e a Caridade centradas e fundamentadas na pessoa de Jesus Cristo, enviado do Pai e que nos sustenta pelo Espírito Santo. No entanto, esta condição, não exime os cristãos e os pastores de fazerem uma reflexão sobre a coerência entre a fé que professamos, a moral que pregamos e as

ações concretas da nossa vida diária.

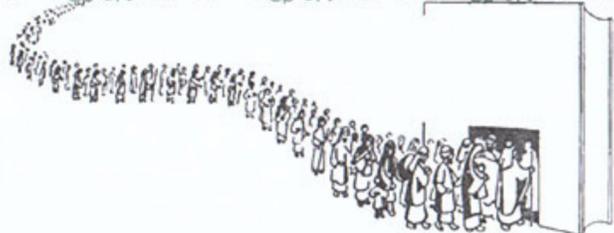
A isso alude o Senhor na Liturgia deste Domingo, quando, dirigindo-se aos letrados e fariseus, isto é, aos que como todos os cristãos, deveriam ensinar e dar exemplo, não fazem o que dizem. Com certeza que Jesus não se refere a todos, mas sim àqueles cuja contradição entre palavra e vida se tornava um escândalo para o povo... e contra aqueles que se valem do seu cargo ou estado religioso para alimentar a sua vaidade e o seu orgulho, fazendo acepção de pessoas e negando Aquele que anunciam com palavras.

Apesar desta crítica, o Senhor não tira valor à Palavra. A Palavra, ainda que me chegue através de alguém que, por variadíssimas razões não a conseguir por em prática, continua a ser Palavra de Deus para mim, e d’Ela devo alimentar-me.

O conteúdo, por tanto, da mensagem litúrgica deste domingo mostra-nos que se teria de realizar em todos nós o que S. Paulo constatou: a Palavra de Deus que vos anunciamos, a acolhestes não como palavra humana, mas como Palavra de Deus, que permanece operante em vós.

Costa / Fermentões / N. Sr.ª da Conceição / N. Sr.ª da Oliveira / Penselo / S. Cristóvão / Silvares / S. Sebastião

A IGREJA ALIMENTA-SE DA PALAVRA



XXXI Tempo Comum A—30 de Outubro de 2011

Paróquia de São Sebastião:

Igreja Paroquial e Capelanias de São Pedro, São Francisco e Santos Passos

I Leitura | Livro da Profecia de Malaquias (Mal 1,14b-2,2b.8-10)

Eu sou um grande Rei, diz o Senhor do Universo, e o meu nome é temível entre as nações. Agora, este aviso é para vós, sacerdotes: Se não Me ouvirdes, se não vos empenhardes em dar glória ao meu nome, diz o Senhor do Universo, mandarei sobre vós a maldição. Vós desviastes-vos do caminho, fizestes tropeçar muitos na lei e destruístes a aliança de Levi, diz o Senhor do Universo. Por isso, como não seguís os meus caminhos e fazeis aceção de pessoas perante a lei, também Eu vos tornarei desprezíveis e abjetos aos olhos de todo o povo. Não temos todos nós um só Pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Então porque somos desleais uns para com os outros, profanando a aliança dos nossos pais?

Sl 130 | Guardai-me junto de Vós, na vossa paz, Senhor.

II Leitura | 1ª Carta de São Paulo aos Tessalonicenses (1 Tess 2,7b-9.13)

Irmãos: Fizemo-nos pequenos no meio de vós. Como a mãe que acalenta os filhos que anda a criar, assim nós também, pela viva afeição que vos dedicamos, desejaríamos partilhar convosco, não só o Evangelho de Deus, mas ainda própria vida, tão caros vos tínheis tornado para nós. Bem vos lembrais, irmãos, dos nossos trabalhos e canseiras. Foi a trabalhar noite e dia, para não sermos pesados a nenhum de vós, que vos pregámos o Evangelho de Deus. Por isso, também nós damos graças a Deus sem cessar, porque, depois de terdes ouvido a palavra de Deus por nós pregada, vós a acolhestes, não como palavra humana, mas como ela é realmente, palavra de Deus, que permanece ativa em vós, os crentes.

Evangelho | Evangelho de São Mateus (Mt 23,1-12)

Naquele tempo, Jesus falou à multidão e aos discípulos, dizendo: «Na cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e observai tudo quanto vos disserem, mas não imiteis as suas obras, porque eles dizem e não fazem. Atam fardos pesados e põem-nos aos ombros dos homens, mas eles nem com o dedo os querem mover. Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens: alargam os filactérios e ampliam as borlas; gostam do primeiro lugar nos banquetes e dos primeiros assentos nas sinagogas, das saudações nas praças públicas e que os tratem por 'Mestres'. Vós, porém, não vos deixeis tratar por 'Mestres', porque um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. Na terra não chameis a ninguém vosso 'Pai', porque um só é o vosso pai, o Pai celeste. Nem vos deixeis tratar por 'Doutores', porque um só é o vosso doutor, o Messias. Aquele que for o maior entre vós será o vosso servo. Quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado».

Empenhados na Missão Universal

"Todos, Tudo e Sempre" ...

Assis, 27 de Outubro de 1986: um marco na história da Igreja. O Papa João Paulo II quis explicitamente um encontro de oração, jejum e peregrinação na cidade de S. Francisco. Celebramos neste mês de Outubro, os 25 anos do «Espírito de Assis». Aquela imagem multicolor dos diferentes representantes das religiões do mundo, da cor amarela do Dalai Lama, ao branco do Papa, ao cinzento do rabino chefe de Roma, até à variedade de cores dos índios da América, continua a desenhar no céu deste tempo o arco-íris da paz, sonho e responsabilidade de todas as religiões indistintamente. «Quando, no findar de uma cinzenta manhã, o arco-íris apareceu sobre a cidade de Assis, os chefes religiosos convocados pela audácia profética de um deles, João Paulo II, entreviram um forte apelo à vida fraterna: ninguém mais podia duvidar que a oração tivesse provocado aquele sinal visível de harmonia entre Deus e os descendentes de Noé», afirmou o Cardeal Roger Etchegaray, ao recordar o histórico dia 27 de Outubro de 1986, Ano Internacional da Paz.

«Diante da Basílica de S. Francisco – continua o então Presidente do Conselho Pontifício de Justiça e Paz e organizador do evento – onde, cheio de frio, cada qual procurava encostar-se ao vizinho (João Paulo II estava ao lado do Dalai Lama), quando alguns judeus saltaram por cima do palco para oferecer ramos de oliveira começando pelos muçulmanos, também eu dei por mim a enxugar as minhas lágrimas».

Decorreram 25 anos desde aquele evento que não foi único, porque João Paulo II regressou a Assis em 1993, para rezar pela paz nos Balcãs, com os judeus e os muçulmanos e, mais tarde, depois do dia 11 de Setembro de 2001, quando o mundo parecia deslizar inexoravelmente para o chamado «choque das civilizações e das religiões».

A mensagem que o Espírito de Assis deixava ao mundo era muito clara: «As religiões não justificam o terrorismo e a guerra, mas rezam pela paz».

O Espírito de Assis que transformou aquele dia 27 de Outubro de 1986, um dia memorável no calendário religioso da humanidade. Como Francisco de Assis, também João Paulo II procurou construir uma ponte de paz e de amizade com todas as religiões, nomeadamente com os muçulmanos.

«Os servidores do Deus misericordioso são aqueles que caminham sobre a terra com humildade e, quando o ignorante lhes fala, eles respondem: paz»; assim rezaram os muçulmanos, naquele dia.

Outubro Missionário 2011, p. 31

EM REDE...

• 30º ANIV. JOVENS CONVIVAS DE S. SEBASTIÃO
- 31 de Outubro de 2011. Eucaristia, 19h30m.

• SEMANA DOS SEMINÁRIOS
- 6 de 13 de Novembro de 2011